

## 6 Conclusão

O objetivo desse trabalho foi desenvolver com base numa abordagem sociológica uma interpretação do processo no qual os movimentos sociais são capazes de criar novas interpretações da realidade. Foram recuperados diretamente autores das ciências sociais como Erving Goffman, responsável pelo termo *frame* na sociologia, mas isto só se fez possível a partir de uma interpretação construtivista das Relações Internacionais. Este texto segue o movimento iniciado por Nicholas Onuf com a publicação de *World of Our Making*, ao fazer um estudo das relações internacionais como relações sociais. Parte-se do pressuposto de que apesar da ausência de uma autoridade no sistema internacional pode-se dizer que as relações internacionais são relações guiadas por regras.

Ao interpretar e aplicar a Teoria da Estruturação de Anthony Giddens às relações internacionais, Onuf foi capaz de entendê-las como relações de co-constituição. Isto significa que, ao estudar as relações sociais não se dá primazia nem à sociedade nem ao agente. Ambos constituem um ao outro, principalmente por meio da prática guiada pelas regras. O agente tem conhecimento sobre as regras e age de acordo com elas, de forma a reproduzir as relações sociais. Além disso, o agente também age reflexivamente, pois ele considera as circunstâncias nas quais ele se encontra ao monitorar continuamente suas ações.

Contudo, é importante reconhecer que os agentes agem também de acordo com a interpretação que fazem da realidade. Ou seja, como ela é subjetivamente dotada de significado para os agentes também tem influência sobre suas ações. Ao se analisar uma sociedade com agentes variados, pressupõe-se que essa diferença pode vir a refletir na interpretação desses agentes sobre a realidade e conseqüentemente em suas práticas sociais. Dessa forma, caso as regras e as normas venham a sofrer transformações em razão disso, pode-se concluir que as próprias relações sociais sofrerão mudanças. Daí a importância da recuperação do

conceito de *frame* de Goffman e de sua aplicação em estudos de movimentos sociais feitos principalmente por David Snow e Robert Benford.

A ideia do *frame* permite entender como é possível para os diversos atores que integram as relações internacionais terem interpretações e perspectivas diferentes sobre questões que são comuns a eles. A partir desse questionamento inicia-se um movimento que busca explicações para as mudanças recentes nas relações internacionais, intimamente vinculadas à maior atuação dos novos atores. Pela compreensão de como esses Esquemas Interpretativos são construídos e desenvolvidos por eles almeja-se contribuir para os estudos de interação entre esses diferentes tipos de *frame* e seus efeitos sobre as práticas internacionais. No caso da proibição das minas terrestres, a compreensão de como se deu a formação do Esquema de Interpretação humanitário desse armamento nos permite entender as ações e as atividades dos movimentos sociais e das ONGs de acordo com os objetivos de suas campanhas.

A principal mudança com relação a essa nova interpretação das minas é que o debate em torno das políticas de controle armas, que tradicionalmente visavam pela segurança nacional, passou a integrar abordagens que dão maior atenção aos aspectos humanitários e que passam a ter como objetivo o respeito ao DIH e aos DHs. Dessa forma, pode-se dizer que ocorreu uma valorização da proteção que deve ser dada ao civil durante os conflitos armados o que conseqüentemente levou a redefinição de algumas armas, as quais passaram a ser vistas como possíveis ameaças à população civil. Sob uma análise sociológica desse fenômeno, diz-se que foi construído um novo Esquema de Interpretação de alguns armamentos, o esquema pelo qual eles eram interpretados e pelo qual eles faziam sentido para os indivíduos passou por transformações.

No caso das minas, o que anteriormente era visto como um armamento estratégico para uso essencialmente de defesa e de limitação de locomoção passou a ser interpretado como uma arma cruel, incapaz de distinguir entre civis e combatentes. Além disso, a não retirada desses armamentos com o fim dos conflitos veio a demonstrar que mais do que um problema de proteção dos civis durante os combates as minas terrestres também podem causar sofrimento, mortes, amputações, problemas socioeconômicos e ambientais mesmo após o fim do conflito.

Dessa forma, foram apontados aqui os primeiros movimentos do CICV a fim de identificar alguns armamentos convencionais que poderiam causar sofrimento excessivo e ameaçar a vida de civis no pós-Segunda Guerra Mundial. Com o contínuo uso das minas terrestres e seu aumento durante a Guerra Fria, observamos o crescimento deste debate no sistema internacional. Uma das razões foi o aumento das vítimas das minas terrestres, conjuntamente com a maior relevância que os movimentos sociais passaram a ter enquanto agentes políticos, principalmente pela formação de redes transnacionais, as quais permitiram a troca de informações entre as organizações da sociedade civil.

Um dos aspectos que possibilitou ao CICV e à ICBL a construir o novo *frame* das minas terrestres foi a capacidade de produzir novas informações e disseminá-las por meio dessas redes. Como demonstrado, a ICBL é uma coligação de centenas de ONGs com abordagens bastante específicas das minas terrestres, da mesma forma, o CICV mantém contato com organizações que também tratam as minas terrestres de diferentes pontos de vistas; que apesar dessas diferentes, são congruentes. Assim, esta multiplicidade de visões permitiu que essas organizações demonstrassem que o problema das minas terrestres era de fato uma questão relevante ao debate internacional que afeta os Estados e suas populações de diversas formas.

Contudo, vale ressaltar que alguns aspectos foram poucos explorados nesse trabalho, em razão da delimitação analítica. Além da dificuldade de aprofundamento da análise em razão do pouco desenvolvimento dos estudos sobre a formação do *frame*, os quais se concentram em sua maioria na simples descrição dos Esquemas Interpretativos, também se faz necessária uma abordagem das diferenças de poder entre os agentes que interagem na construção dessa interpretação. Compreender os interesses dos outros atores além dos movimentos sociais e ter uma noção da diferença de poder entre esses atores é essencial para uma visão global desse fenômeno. Além disso, aspectos como diferenças culturais também passam a ser necessárias em razão de exercerem, de certa forma, algum tipo de influência nos diferentes Esquemas de Interpretação possíveis dentro de relações sociais como as relações internacionais.

A despeito disso, a análise aqui desenvolvida buscou, com base em documentos e produções acadêmicas, demonstrar como a ação dessas organizações contribuiu para a construção desse novo significado das minas

terrestres. Três foram os processos de construção de *frame* apresentados por Snow e outros: Processo Estratégico, Processo Discursivo e Processo de Contestação. Por meio deles foi possível demonstrar como aspectos da interação dentro do movimento social e do movimento social com outras organizações, e até mesmo como a necessidade de conquistar participantes faz parte do processo de construção do Esquema de Interpretação coletivo. Essa análise permite a compreensão de grande parte da ação dos movimentos sociais relacionadas às campanhas contra as minas terrestres e compreender a complexidade de processo tão dinâmico. E principalmente, ela busca explicar outros fatores que podem vir a se relacionar com um fenômeno tão recorrente aos estudos sociais que trata da mudança no comportamento e na prática social. Compreender como as regras e normas internacionais podem vir a ser influenciadas pelos diferentes esquemas de interpretação vigentes no debate internacional é bastante relevante para o estudo de como as práticas sociais são transformadas.